

Table.

LEYLÂ
ERBIL
UMA MULHER
ESTRANHA

tradução
MARCO SYRAYAMA DE PINTO

A FILHA

7

O PAI

81

A MÃE

153

A MULHER

171

Alfabeto turco

217

Glossário

219

A FILHA

diário 1950–52

Hoje, o Bedri nos levou, a Meral e a mim, à Lambo, uma pequena taverna perto do Mercado de Peixes de Beyoğlu. Bem agradável. Frequentada por poetas, pintores, jornalistas. Ele nos convidou para comemorar, com um bom vinho, a publicação de um poema seu na revista literária *Varlık*. Sem que o pessoal aqui de casa soubesse, claro. Se ficasse sabendo, faria um escarcéu.

*

Hoje, de novo, a mamãe está que é uma pilha de nervos: o papai foi despedido e ela não para de falar “Ele mexe com os poderosos, fica retrucando! Como se nós tivéssemos condições de nos mudar para uma mansão em alguma das ilhas de Istambul. Por que é que tem

que se meter com essas coisas de ‘justiça’ e ‘direitos’? Melhor ficar quieto, fechar essa boca de uma vez”. Então, eu perguntei, “Mas o que a senhora espera que ele faça, mamãe? Que se humilhe para esses burgueses só porque são uns ricos?” Ela me esculachou, “Não se intrometa! Você e seu pai são iguaizinhos; cabeça nas nuvens!”. Se o papai tivesse ouvido isso, ela ia ver o que é bom pra tosse!..

A Meral e eu cabulamos a última aula e fomos para a Lambo. Conhecemos um poeta e um contista. Encantadores. Eu queria muito ler meus poemas para um deles, mas senti um certo constrangimento. A Meral me perguntou por que eu não os mostrei ao Bedri. Ela, é claro, nem imagina que seu irmão me paquerou faz um tempinho. Eu não dou a mínima para esse rapaz.

Hoje eu contei ao *mösyö*¹ Lambo que gostaria de ler meus poemas para alguém. Na mesma hora ele me apresentou a um homem que estava bebendo no balcão. Eu não imaginei que fosse *Ele*. Fiquei tão apavorada que até fingi que os poemas não estavam comigo. Combinamos de nos encontrar numa taverna chamada Çardaş, em Tünel. Ele vai ler. Isso se eu não morrer de ansiedade antes.

A Çardaş é um longo corredor, de uma imensa e apavorante escuridão. Não o reconheci de imediato. Uma forma esbranquiçada e oscilante acenou de uma mesa

1 Esse e outros termos fazem parte do glossário que se encontra ao final do livro. [N. E.]

lá dos fundos. Nós nos sentamos, um diante do outro, e começamos a conversar de uma maneira meio desconexa. Tive a impressão de que ele se sentia desconfortável, quase intimidado pela minha presença, e essa atmosfera negativa também me afetou. Eu me arrependi mil vezes de ter ido àquele encontro. “Leia, chefe! Vamos ver o que você tem aí”, ele disse de súbito. Desconcertada com essa grosseria, eu li, toda temerosa, um dos meus poemas mais bonitos, que termina assim:

*Quem são os que nos condenam ao subsolo?
Irmãos, os céus são de um azul sem fim;
como é pálida, porém, a nossa tez.*

“Você é operária?”, ele me perguntou com um ar seriíssimo. Estava caçoando de mim? “Não sou, mas tenho parentes que são”, respondi. Ele não disse nada. Então, li para ele o “Soneto das meninas decaídas”.

*Devem as nossas meninas sempre se lamentar
por não serem capazes de ir para a guerra?*

Ele coçou o nariz. “Você quer ir para a guerra?”

Eu lhe expliquei que a palavra “guerra” fora usada em um sentido bem amplo. O poema expressava a ideia de que, se as mulheres não tivessem o direito de participar de uma “guerra” qualquer, acabariam por compor um “exército de mulheres decaídas”. Para ser sincera, achei impossível que ele não tivesse entendido. Por fim, li “Sangue”, um poema que escrevi sobre o pânico que domina uma garota no dia da sua primeira menstruação:

*Será isto o calcanhar de Aquiles
que na minha cama se cortou,
ou uma ferida aberta pela
colisão das águias no céu?
Sem cessar o sangue flui
de um mal que corta seu peito.
Sufoca os olhos, o pulso e o mar;
sufoca o mar acorrentado,
sufoca sem cessar.*

“Que sangue é esse? Não entendi muito bem”, disse ele, apertando os olhos. Eu compus um poema abstrato para ser difícil de entender mesmo. Mas claro que não podia dizer isso a ele. “Tentei simbolizar o horror da guerra”, expliquei. “Abençoadas mãos... Escreveu muito bem, mas você ainda é jovem demais para ser poeta. Guarde-os na gaveta por uns meses, depois leia de novo. Amanhã vou trazer alguns livros para o Lambo; leia-os também.” Ele estava sendo educado, mas é óbvio que não gostou dos meus poemas. Devia até estar rindo por dentro o tempo todo. “Siga escrevendo, escreva, escreva sem parar, jogue tudo num canto, mas nunca pare de escrever.” É isto: a minha única esperança e o meu único refúgio foram destruídos. Já não tenho razão de viver; só me resta a morte.

Passei na Lambo para buscar os livros. Ele não estava lá. Eram livros que eu já tinha lido! Como me sinto terrivelmente infeliz!..

*

O papai arrumou um novo emprego.

*

Eu e a Meral fomos à Lambo hoje. Conhecemos:
um ator que acaba de sair da prisão,
um poeta que acaba de sair da prisão,
um arquiteto que acaba de sair da prisão,
um jovem contista e um jovem jornalista que ainda
não foram para a prisão.

Quando estávamos indo embora, o poeta Halit e o arquiteto Necat se levantaram e nos acompanharam até o ponto de ônibus. Ambos são adoráveis. Amanhã nos encontraremos com eles para um chá no Degustasyon. A Meral é vidrada no Necat. E, para ser franca, eu até que tenho uma queda pelo Halit. Daqui a uma semana ele deverá partir para um exílio forçado no vilarejo dele.

*

Hoje, enquanto a Meral e o Necat foram a uma exposição de quadros, eu e o Halit ficamos sozinhos no Degustasyon. De repente, senti um medo estranho se apoderar de mim, mas conversar com o Halit dissipou esse sentimento. Ele é um rapaz bastante direto. Cheguei um pouco tarde em casa, mas a mamãe nem reparou.

*

Hoje a mamãe estava chorando de novo. A tia Hamdiye veio nos visitar e lhe disse: “O povo anda falando de você: ‘Essa mulher estranha interrompeu a geração de Hasan, não foi capaz de dar um herdeiro pra ele’”.

*

Hoje eu me encontrei de novo com o Halit. Na Çardaş, dessa vez. Ele me descreveu as torturas que sofreu quando estava preso. Falou das coisas mais terríveis com um tom zombeteiro, como se tivessem acontecido com outra pessoa. Rapaz estranho. Por exemplo, quando descrevia as bastonadas, riu desbragadamente... quando fizeram uma fila para chutá-lo e ele devolveu os chutes... quando dava cusparadas no rosto de alguém... e quando cuspiu na cara de um policial que tinha torcido os testículos dele. Aquilo tudo me dava arrepios. Ele simplesmente continuava a gargalhar. Ele disse que o policial não era culpado. Tinha sido treinado para isso — era apenas o seu trabalho. Será que isso é algum tipo de façanha, não se deixar levar por sentimentos de vingança perante a injustiça?

*

O Halit veio à universidade hoje. Saímos juntos e fomos para a Lambo. Uma hora a porta se entreabriu. *Ele* pareceu que ia entrar, nos viu e foi embora sem nos cumprimentar. Sujeito estranho.

Hoje é o último dia. Eu me encontrei com o Halit no Degustasyon. Nem sei como aconteceu, mas quando me dei conta eu estava desabafando com ele. Falei, falei e falei até ficar tonta. Como se estivesse conversando com a Meral, eu expus a ele as minhas angústias mais íntimas: a tirania da minha mãe, os nossos desentendimentos, a

minha condição de prisioneira em casa, a pressão religiosa que ela impõe sobre mim, meus sofrimentos, e até as minhas ideias de suicídio caso eu não consiga a minha liberdade. Ou talvez fugir de casa. Falei que ninguém me entende, contei tudo sobre a minha melhor amiga, a Meral, e também como eu encontro refúgio na poesia, que é a única coisa que me mantém viva. Algo aconteceu comigo, eu simplesmente fui falando sem parar, me sentindo mais desolada do que nunca. Comecei a chorar. Ele secou as minhas lágrimas com o seu lenço, como se eu fosse sua filha. Esse gesto me fez perder completamente a cabeça e fiz uma coisa que, só de lembrar, me dá uma certa repulsa: beijei as mãos que secavam as minhas lágrimas. Os dedos dele cheiravam a tabaco amargo. Como pude fazer isso? Eu mesma estava surpresa. Na verdade, acho que confundi o sofrimento pelo qual ele havia passado com o meu. Era como se o que aconteceu com ele fosse por minha culpa, e eu queria me redimir. Ele se manteve sereno e esperou que eu me acalmasse para então dizer que todos os sofrimentos do mundo e da Turquia estavam ligados à situação política. Pensei ter compreendido o que ele queria dizer, mas eu ainda achava estranho que ele sempre usasse o cérebro como uma faca afiada, até nos momentos mais delicados como esse. Principalmente porque conhecer ou compreender não liberta ninguém dessas dificuldades! Se só posso ser feliz uma vez que eu seja livre, e o mundo insiste em me negar a liberdade, então, simplesmente, jamais será possível que eu me sinta feliz... Talvez as coisas sejam mais suportáveis quando se tem alguém com quem dividir nossa infelicidade. Quem sabe, se o Halit ficasse aqui, eu teria mais forças para aguentar tudo. Mas ele vai embora

amanhã... “Você é como uma irmã para mim. Venha me visitar quando quiser. O que é meu é seu também...” Ele me convidou porque tem um coração generoso, mas eu sei que ele só tem pobreza e desesperança para dividir. Mesmo assim, sua presença me deixava muito feliz... Desabei totalmente com as suas palavras. Dessa vez ele pegou as minhas mãos, virou-as e beijou as palmas. Houve um longo longo longo silêncio. Quando o momento de nos separarmos foi se aproximando, nossos olhos se fixaram na toalha suja. De vez em quando, meu olhar pousava nas cinzas sobre um resto de queijo de cabra. Acendemos um cigarro sabendo que seria nosso último. Ele rabiscou algo nas costas de um maço de Yenice e me deu:

*Ferido e destroçado, meu coração canta
Teus olhos são a terra e a doce esperança
Que é tudo, meu amor.*

Estávamos apaixonados? É isso que chamam de amor?
Se for, é um tanto cômico, não?

*

Hoje depois do banho, pus bigudinhos no cabelo. Sentei na poltrona verde ao lado do aquecedor. Lixei as unhas. O papai ainda não tinha chegado. A mamãe se sentou na beirada do velho sofá, na minha frente. Escolhia lentilhas. Ela se afastou por um momento, voltou ao mesmo canto e acendeu um cigarro. Senti que uma tempestade se aproximava. Ela começou com os ímpios. Depois falou das torturas que os mentirosos iriam sofrer no inferno.

Da ira divina dirigida às mulheres que não se cobrem de acordo com as leis islâmicas. “Então por que você usa chapéu?”, perguntei. “Seu pai”, ela esbravejou, “por causa do seu pai. Foi ele quem me forçou a usar. Que Deus não considere isso pecado. Estou em pecado por causa dele.” Ouvi por um bom tempo, sem dizer palavra. Ah, se ela sáísse e eu pudesse ir para o meu quarto retomar a leitura de *Konoválov*, de Gorki. Faltam só umas poucas páginas. Quero penetrar no espírito dessa obra. Acho que já a li umas dez vezes. Algumas passagens eu sei de cor. Ela se levantou e se dirigiu à porta. Ergui a cabeça e observei sua mão na maçaneta. De repente, ela se voltou e me perguntou se, ao tomar banho, eu tinha feito a ablução ritual completa. Se eu ficasse calada, é claro que haveria problemas. “Fiz, sim”, respondi, sem olhar para ela. “Não acredito em você”, ela disse, plantando-se com firmeza diante da porta. “Não confio nem um tiquinho em você. Há maldade nos seus olhos. Você é capaz de qualquer coisa, qualquer coisa. Não tem um pingão de caráter. E leva uma vida dupla. Eu não sei o quê, mas sinto que você esconde algo de nós. Lembre-se, eu sigo os mandamentos de Deus. ‘Deves ensinar à tua prole’ — essa é a minha obrigação. Você pode fazer o que quiser em segredo, mas não se esqueça de que o que é feito às escondidas neste mundo será revelado no próximo. Lá, vamos ficar cara a cara. Se você mentiu para nós, se você ocultou coisas de nós, no outro mundo serpentes e centopeias vão te devorar...” “Já entendi, já entendi”, eu disse, tentando sair, mas ela bloqueava a passagem. “Ah, por acaso a senhorita não gostou dos meus conselhos?”, ela perguntou. “Com licença, preciso voltar aos meus estudos”, respondi. “Então quer dizer que isto não é uma aula? Um ensinamento

do próprio Deus? Saia já daqui! Malditos sejam os seus estudos!”, ela disse e me deu um tapa na cara. Corri para o meu quarto chorando. Agora vou ler *Konoválov*.

*

Hoje conheci um rapaz chamado Halûk. Está cursando história. Ele conversou abertamente comigo, mas sem sequer me encarar, sem me olhar nos olhos durante todo o tempo em que conversamos. Eu me senti à vontade perto dele. Ficou bem claro que é um rapaz pobre; sua roupa era um farrapo só.

*

O Halûk zanzava pelo corredor do nosso andar, com a mesma jaqueta cor de chumbo, camisa xadrez e sapatos disformes. Chegamos para as aulas com uma hora de antecedência. Fomos para a cantina. Ele notou o livro de Gorki sob o meu braço. “É muito bom”, disse ele, com uma expressão de profundo conhecedor. Conversamos. Ele é natural do Chipre. Mora em Kadıköy, de aluguel. Na casa de um parente bem de vida. “Quer dizer, num anexo”, acrescentou sorrindo. “Sou uma espécie de vigia.” Carregava vários livros debaixo do braço. Ele me passou umas traduções do ativista Kerim Sadi para ler.

*

A Kevser, a Ayten, o Şeref, o Sadi e eu fomos ao chá dançante da faculdade de medicina. Falei para a minha mãe

que eu ia a um seminário de linguística. A Ayten não tem pai e a mãe dela é servidora pública em algum lugar. A Ayten quer que eu flerte com o Sadi. “Mas por quê?”, perguntei. “E por que não? Ele é bem bonito”, ela retrucou. Que estranho, ela só pensa em flertar. Se alguém, não importa quem, mostra algum interesse por ela, a Ayten logo corresponde. Não é nem um pingo exigente. O baile estava chato. Só uma porção de rapazes e garotas dançando uns com os outros. Que besteira.

*

O Halûk me apresentou a um amigo dele hoje. Ele o chamava de irmão Ömer. Falamos de literatura. Nenhum deles gosta de Tolstói. Eles simplesmente acabaram com o grande escritor. Aí mudaram o assunto para Nâzım Hikmet. O Ömer declarou que gosta mais da integridade e das atitudes de Nâzım do que da sua poesia. Que sujeito estranho esse Ömer. “Me chame de irmão Ömer, irmãzinha”, ele disse. “Tudo bem”, concordei. Ele deve ser do Leste. Como o meu Halit.

*

A Neriman, filha mais velha da tia Havva, deu à luz hoje. O marido dela foi transferido para Ancara; partem amanhã. Ela veio se despedir e beijar a mão da minha mãe. A mamãe elogiou a Neriman a noite toda, falou do tipo de mulher que ela é, que foi para a faculdade, mas mesmo assim não deixou de ser religiosa. Ela jejuava no Ramadã e ajudava a mãe dela nos afazeres domésticos. E não deixava nem um fio de cabelo descoberto.

*

Nunca mais vou dançar. Nem ir a esses chás dançantes. Você vai até a pista de dança, depois volta para o seu lugar. Já faz um tempo que, ao ir da pista de dança para o meu lugar, me sinto estranha, envergonhada, arrependida. Não sei muito bem o que isso significa, mas é horrível, desagradável até, caminhar da pista até o meu lugar. E todas as garotas dão aquele sorriso atrevido ao voltar para o lugar delas.

*

As garotas insistiram que eu fosse ao Chá Dançante da Engenharia. Lá em casa eu disse que ia ao aniversário da Ayten. Por alguma razão a minha mãe gostava da Ayten. “Percebe-se pelo rosto dela que é uma moça direita...” Eu não dancei. Só fiquei assistindo aos dançarinos voltarem aos seus lugares. A Kevser e o Şeref dançaram de rosto colado, cabeças juntinhas e, abaixo da cintura, bem separadinhos. Provavelmente eles acreditavam que, assim fazendo, salvaguardariam sua honra. A Kevser havia pintado as bochechas da cor da maçã do amor. Um rapaz chamado Ahmet, que disse ser amigo do Şeref, se aproximou da mesa. Ele me convidou para dançar, mas não aceitei. “Por quê?”, ele perguntou. Eu lhe expliquei. “Você é bem interessante”, ele disse e me perguntou do que eu mais gostava. “De poesia”, respondi. No mesmo minuto ele passou a falar de poesia. Sua atitude era de alguém que queria mostrar que é versado em todas as áreas. Ele disse que se Nâzım Hikmet não tivesse sido tão engajado na sua produção literária, seria um ótimo

poeta. Ele admirava muito Ziya Osman Saba, mas não gostava nada de Orhan Veli. Que absurdo é esse? Então me dei conta de que ele tinha inventado suas preferências na hora, mas não joguei isso na cara dele. Só me calei. E ele também, depois de esgotar o seu repertório, se calou. Ele disse que iria à faculdade para me ver. Olha só, e o que ele acha que eu faria se ele fosse?

Eu contei ao Halûk da reunião de ontem e sobre o Ahmet. Rimos muito. Eu havia começado a ler *Totem e tabu*, do Freud. “Não perca tempo”, ele disse. Se meu propósito era me desenvolver intelectualmente, então eu deveria ler outras obras primeiro, ele argumentou. Vai me trazer alguns livros, sob a condição de que eu os leia e devolva em uma semana. Parece que são livros proibidos. O Halûk é um bom rapaz, mas é difícil entendê-lo. Está convencido de que todos os professores são burros e uns charlatães que sofreram lavagem cerebral. “Um dia você também vai perceber isso”, acrescentou.

No intervalo, o Şeref, a Kevser e eu estávamos conversando na cantina. Do nada o Ahmet apareceu. Estava usando uma blusa amarelo-pálido e tinha o cabelo bem penteado. Sentou conosco, mas eu não troquei nenhuma palavra com ele. A atmosfera ficou pesada. Quando ele e o Şeref estavam indo embora, o Ahmet apertou a minha mão tão forte que gritei “Ai!”. Os outros se assustaram. O Şeref olhou torto para o Ahmet.

*

O Halûk chegou hoje com uma mochila cheia de livros. Entregando-a para mim, me advertiu: “Não dê nem mostre a ninguém; leia e depois esconda”.

A Kevser diariamente me traz notícias do Ahmet. Desde aquele dia na cantina, ele não deixa o Şeref em paz. Parece que ele está loucamente apaixonado por mim e, por minha causa, não consegue mais se concentrar nos estudos, passa o dia inteiro nos cafés de Sultanahmet jogando cartas, tudo por causa da paixão por mim. “Que patético!”, eu disse à Kevser. Ela se ofendeu. Ela e o Şeref acharam que iam me convencer de viver um romance com aquele idiota.

*

Estou lendo os livros que o Halûk me emprestou. Na mochila também havia folhetos manuscritos, além de alguns panfletos. Queimei tudo aquilo. Agora estou lendo *O capital*, resumido por Gabriel Deville, na tradução de Haydar Rifat, que dedicou o livro a um tal de senhor Şekerzade Edip Izzet. Que românticos, esses tradutores antigos.

*

Recebi carta do Halit. Ele fez um longo poema para mim. Um poema muito bonito, de verdade. À noite respondi a ele. Falei da minha família, do que eu tenho vivido aqui, de tudo. Mandei-lhe os meus poemas mais recentes. Para ser sincera, eu agora estou mais interessada nas situações e nas pessoas com quem me envolvi, do que em escrever poesia. Os poemas que lhe enviei não são bons, eu sei.

*

Prenderam o Halûk e alguns outros com ele. Estou muito aflita. O que vai acontecer agora?

*

Assim que cheguei em casa, escondi os livros do Halûk, caso venham revistar. Por que será que ele foi preso? O coitado não fez nada de errado! Não tenho a menor vontade de ver gente. Vou inventar alguma história para contar à minha mãe e ficar em casa hoje. Será que devo tentar visitar o Halûk? Que tipo de lugar deve ser a prisão? Está preso naquela em Sultanahmet. O que vão fazer com o garoto?

Tive um sonho na noite passada, em preto e branco: estou olhando para um quadro pintado há muito tempo. Não se sabe quem pintou, nem como. As pessoas desenhadas com traços em preto. Pego o quadro e saio para uma rua longa e estreita. Ao andar por ela, do nada o Bedri surge ao meu lado. Mostro-lhe o quadro e caminhamos juntos. A rua é tão longa e estreita que a luz ao fundo dela brilha como a lua. Acima de nós há uma faixa fina e comprida de céu. De repente, o quadro decola e o pedaço do firmamento é preenchido por pessoas feitas de fuligem, como decalques. O fundo branco do quadro dá lugar ao azul desbotado do céu. O Bedri corre, gritando: “Pessoas, pessoas!”, e se esconde, entrando pela porta aberta de uma casa. Corro atrás dele, mas ele fecha a porta na minha cara. Não há mais ninguém na rua além de mim e algumas crianças. Elas vêm correndo em minha direção, chorando. “Não

tenham medo!” , eu digo, mas também grito: “Mãe! Mãe!” , e começo a soluçar. Os decalques fuliginosos se desprendem do céu e começam a despencar sobre nós como chuva. Eles caem em direção aos telhados das casas. Está escurecendo e há cheiro de fuligem e queimado por toda parte. Minha mãe aparece vinda da lua ao fim da rua, com um penico branco na mão. “Não tenha medo, já estou indo” , ela grita. As pessoas fuliginosas estão caindo na terra, entre as pedras, à minha direita e à minha esquerda. Uma cai na minha coxa direita e gruda nela. É o Bedri. Minha mãe põe o penico embaixo de mim e me provoca: “Arrependa-se, peça perdão, você pecou, diga-me o que você fez, você ainda é virgem?”. “Querida mamãe, não fiz nada de errado!” , respondo. Sinto uma brisa soprar cada vez mais perto, soprando e levando toda a fuligem, e as crianças dão gritos de alegria. O decalque do Bedri desaparece da minha perna. O penico fica do tamanho da rua, que se enche de bandeiras, bandeirolas de todas as nações. As crianças correm e se aglomeram para agarrar as bandeiras. Minha mãe diz: “Pegue uma você também, quero ver qual você vai escolher”. Pego a que está mais próxima, é uma bandeira preta e branca bem simples. Acordo. São cinco da manhã e estou escrevendo estas coisas no meu diário. Vou para Sultanahmet ver o Halûk.

*

Hoje a Meral e eu fomos ao cinema. Após comprar o ingresso na bilheteria eu disse: “Grata!”. O homem respondeu: “Aristocrata!”.

Fui ver o Halûk. Ele ficou muito contente. Não esperava que eu fosse visitá-lo e ficou surpreso. Disse que ele e os outros foram presos por causa de atividades clandestinas. Agora ele está cumprindo o restante da pena. “Eu já sabia que seria pego. Vou ficar mais cinco meses aqui”, explicou. Ele me pediu cigarro, mas eu não tinha. Dei-lhe duas liras e meia para que ele comprasse um maço. Como os cílios do Halûk são longos! Não dá nem para ver os olhos direito. Seu rosto aparecia recortado pelas grades: às vezes um olho e um pedaço da testa ficavam enquadrados, outras vezes o nariz, ou o queixo. Seu nariz é pequeno e meio voltado para a esquerda. A barba, escassa e encaracolada, estava por fazer. Os dentes são amarelados. Não deve escová-los nunca. O Halûk tem um quê de judeu. Eu lhe contei que havia começado a ler *O capital*, mas que estava achando um tanto difícil. Então ele me passou títulos de outros livros que eu deveria ler antes de *O capital*. Ele me fez memorizar um recado para o irmão Ömer. Eu deveria dizer: “O corvo branco precisa de iscas”. O irmão Ömer não podia aparecer ali. Devo procurá-lo em Cibali. O Halûk me fez memorizar o endereço. “Não escreva em lugar nenhum”, me pediu. Aí ele me disse que confiava em mim, mas que agora não podia expor as coisas mais claramente. “No futuro acho que sere-mos amigos bem chegados”, comentou. Então me disse para pensar bem, antes de decidir fazer o que me pediu. “Faça só se não estiver com medo. Ter medo não é vergonhoso, mas, uma vez começado, não olhe para trás, você não pode revelar o que eu lhe disse nem mesmo

se ameaçarem você de morte. Somente o irmão Ömer pode ouvir essa mensagem”, ele enfatizou. Nós nos calamus depois disso. Então ele repetiu: “Pense bem, se você decidir não fazer, esqueça o que lhe falei e não volte aqui, não me cumprimente se nos virmos na rua, será como se a gente nunca tivesse se encontrado”. Dei risada. “Você não me conhece”, eu disse. Ele também deu risada. Despedi-me dele e voltei para casa. Ele não me conhece mesmo. Eu daria a vida por gente como ele. Não sei por que, mas os meus sentimentos me fazem sentir atração por pessoas assim. Acredito que elas são parecidas comigo e estou convencida de que lutam contra a injustiça.

*

Hoje fui a Cibali. Encontrei a casa do irmão Ömer como se eu mesma a tivesse colocado lá. Um porão com dois quatinhos numa viela. A placa na porta diz: ELETRICISTA. O quarto dele fica atrás de uma divisória de vidro. Há uma mesa e três cadeiras. Através do vidro, dá para ver tudo que se passa do outro lado. Ele provavelmente colocou aquela divisória para ficar de olho nos empregados. Lá dentro, dois rapazes de macacão trabalhavam. Quando me viu, o irmão Ömer deu um salto e disse: “Entre, minha irmã!”. Ele lançou os braços ao redor de mim e deu tapinhas nas minhas costas. Ninguém nunca tinha me abraçado desse jeito tão caloroso. Fiquei emocionada. Eu entendi que tinha nascido para isso, e que eu deveria seguir cegamente os passos dessas pessoas, aonde quer que me levassem. Ele estava tomando chá de tília. Já tinha dado alguns goles, mas

me passou a xícara. “Pode tomar, eu peço outra para mim”, ele disse. “Fui ver o Halûk”, eu lhe contei. “Fale mais sobre isso, irmãzinha.” Ele não perguntou se eu tinha algum recado para ele, apenas me olhava. Esperei um momento. Ele não perguntou. E não ia perguntar. “O corvo branco precisa de iscas”, eu disse. “Mas que sujeito insolente!”, exclamou de imediato, e então: “Muito bem, irmãzinha, muito bem! Mais alguma coisa?”, indagou. “Só isso”, respondi. “Combinado”, declarou ele. “Agora você já pode ir. Aqui não é um lugar seguro. Não quero que nada de mal aconteça a você.” Sem nem mesmo deixar que eu terminasse o meu chá de tília, ele me mandou embora por um atalho. Olhei para trás do alto da escada que dava para a rua e vi que ele tinha colocado um chapéu de trabalhador e se preparava para sair. Que dia agitado! É exatamente assim que quero que seja cada um dos meus dias.

*

Fui visitar o Halûk de novo. Dei-lhe cinco liras. Contei o que aconteceu. Ele disse apenas: “Ótimo, obrigado”. Então, de repente, eu comecei a falar do Halit. “Éramos amigos, ele é um bom rapaz”, comentou. Mas pareceu ter ficado um pouco ofendido. Não disse mais nada. Antes de eu sair, ele me fez um pedido: “É melhor você não vir mais aqui. Tenho medo que você se meta em encrenca por nossa causa”. “Imagine!”, eu disse, dando uma boa risada.

*

A família da Meral comprou uma casa em Pendik e se mudou para lá. “O Bedri está apaixonado por você. Ele sempre pergunta por você”, disse a Meral.

Hoje fiquei em casa. Eu disse à mamãe que tinha que me preparar para as provas escritas. Ela me lançou um olhar severo, mas não me perguntou nada. Escrevi uma longa carta para o Halit. Falei do Halûk, que eu tinha ido visitá-lo e que ele vai ficar detido por mais alguns meses. Não mencionei que o Halûk também o conhecia e outras coisas mais. Vamos ver a reação dele. Pensei muito hoje. Principalmente no Halûk. Quem ele era, o que ele era? Por que confio tanto em pessoas assim? Mais do que confiança, é respeito. Quem sou eu, o que estou fazendo? O que eles estão fazendo? “O corvo branco precisa de iscas.” Estou ajudando pessoas sem ter a menor ideia do que se trata. O que está por trás disso? Por que ele não me fala nada? O que eu faria se os meus pais soubessem disso? Será que essas pessoas têm alguma relação com Moscou? Não pode ser. Essa história de conexão com Moscou deve ser uma invenção da polícia. Quem são essas pessoas?.. Não importa quem são. Vou fazer o que me parece certo. Vou me tornar uma delas. Qualquer coisa que nos diferencie das gerações anteriores, das nossas mães.

*

A Kevser e eu fomos ao cinema para ver *Viva Zapata!*. Bem bonito. A Kevser é uma garota estranha. Às vezes humilde, outras vezes pretensiosa. É de Izmir. O pai dela tem uma fábrica de tecidos lá. Ela me contou o que

espera da vida. Se conseguir seduzir o Şeref, ela se casa com ele e se instala em Izmir. O pai dela já mandou construir uma casa em Karşıyaka, com a escritura no nome dela porque ela tem uma madrasta. O Şeref vai trabalhar na empresa do pai dela para que a madrasta não interfira em nada. “Aquela mulher não vai tocar nem no dinheiro, nem na propriedade”, a Kevser asseverou. Fiquei chocada, mas acho que eu também me comportaria assim se tivesse sido criada nessas condições. Depois do cinema, demos um pulo na Lambo. Ela gostava muito de lá. Mas me avisou: “Nem pense em falar para o Şeref”. “Tudo bem”, concordei. Nada de carta do Halit.

*

Esta manhã, eu estava entrando no prédio da faculdade e um jovem me barrou o caminho do portão. Um policial. Eu disse que não tinha nada a ver com a polícia. “Me acompanhe, por favor. Isso vai durar cerca de uma hora.” Percebi que não havia jeito de escapar, o homem estava decidido a me levar. Eu não fazia ideia de como me portar numa situação como essa; que idiota eu fui de não ter aprendido. Deve haver um jeito correto de falar com um policial, de acompanhá-lo. De qualquer forma, começamos a andar lado a lado. “Ande”, eu disse a mim mesma, “não tenha medo. O que você fez? Você deu o primeiro passo para destruir a podre ordem social, isso mesmo. Vamos, avante, marche, direita, esquerda, direita, esquerda. Você não vai falar mesmo se te ameaçarem de morte, mesmo se te ameaçarem de morte...” O homem usava um enorme chapéu de fel-

tro preto, como os cegos usam, e caminhava sem dizer palavra. Como reagiria a minha mãe se me visse nessa situação? Não tenho medo da polícia, mas tenho medo da minha mãe, de casa, se a minha família souber do incidente. Chegamos a um prédio, subimos as escadas e entramos num escritório. Lá, sentado atrás de uma escrivaninha, havia um homem muito corado e que devia ter entre quarenta e cinco e cinquenta anos. “Eu a trouxe, senhor”, disse o meu acompanhante e então saiu. Fiquei sozinha no escritório com ele, que olhou para mim com atenção, me analisando dos pés à cabeça. “O senhor me chamou. Posso saber a razão?”, perguntei. Eu suava a cântaros depois da correria das ruas. O homem perguntou o nome dos meus pais, a minha idade, onde eu estudava, anotando tudo. Então, levantando-se, perguntou: “Você não tem vergonha?”. “Do que eu deveria ter vergonha?”, perguntei. “Vamos, me diga o que você e aquele cachorro do Salih tramaram.” “Não conheço ninguém chamado Salih”, respondi. O homem disse que sabia que eu tinha ido visitar o irmão Ömer. O verdadeiro nome dele era Salih. “Vamos, desembuche”, gritou. Eu disse que não tinha nada a declarar, que conhecia o Halûk e que ele era meu amigo e que, quando ele foi preso, eu só cumpri o meu papel de ser humano ao ir visitá-lo, e que fui dizer ao irmão Ömer que tinha ido visitar o Halûk e que ele estava bem. O homem se aproximou de mim: “Sua idiotinha!”, disse, parecendo *ele* um idiota. “Eu não nasci ontem, que inferno, quem você pensa que está enganando, hein? Vou dar cabo desse seu rostinho de merda...” Ele lançou uma ameaça atrás da outra com o propósito de me aterrorizar. Foram tantas e tão numerosas suas intimi-

dações que, a certa altura, eu já nem ouvia nada. Eu só tentava imaginar o que ele realmente podia fazer. Não estava preocupada em ser espancada, o que eu temia era que ele me jogasse no chão e se lançasse como um animal sobre mim. Imagine se aquele precioso pedaço de membrana que a minha mãe tanto valoriza fosse rompido por um policial e ainda mais num ambiente como aquele? Num chão de madeira. Se eu conseguir sair hoje daqui sã e salva, pensei, vou me apressar em buscar um rapaz sensato para tirar logo esse treco de mim — que coisa nojenta é tudo isso. O Ahmet, por exemplo, seria um bom candidato. Reprimindo um sorriso, olhei para o homem que espumava nos cantos da boca enquanto falava. Havia um quê de fingimento, de presunção, na atitude dele. De repente, um tapa acerta o meu rosto. Gritei de tal maneira que até eu mesma me assustei. O sujeito deu um passo para trás. Não tinha doído tanto assim, mas eu não esperava por aquilo. “O senhor não tem o direito de fazer isso”, eu berrei. “Sua idiota”, ele me xingou, com um sorrisinho. A porta se abriu e entrou um outro sujeito, mais jovem. Ao entrar, o moço imediatamente adotou a posição de sentido. O recém-chegado sentou e, tomando a palavra, perguntou o meu nome. “Minha cara senhorita, eu a aconselho a não se envolver em nada mais que os seus estudos. Eu me formei em direito e tenho bastante experiência nesses assuntos.” “Nesse caso”, respondi mostrando a minha boca ensanguentada, “o senhor deveria saber que não se espanca uma pessoa sem nenhuma razão! O senhor deve ser responsabilizado por isso!” Ele lançou um olhar de pretensa indignação para o homem que estava em pé e continuou: “Permaneça

longe dos comunistas. Não quero ver a senhorita aqui novamente. Eles podem causar problemas suficientes para destruir você e a sua família”. Levantou-se e se despediu. Assim que pus os pés na rua, peguei o meu pó compacto e me olhei no espelhinho: meus lábios estavam inchados, um pouco de sangue escorria pelos meus dentes e, perto da boca, metade da minha bochecha estava vermelha. Estúpidos, filhos da puta, bastardos!.. No caminho da faculdade, repassei todos os palavrões que eu sabia. Passei na cantina, mas não havia ninguém lá. Subi um andar para a aula do Tanpinar. Há algum tempo, ele vem tratando da poesia de Yahya Kemal:

*No festim da noite passada, foi sem fim a alegria,
Flutuando, o som dos alaúdes, cruzou a baía,
Canções e águas claras, o dia estava a raiar,
Lá vai o meu caíque, amor, vagando pelo mar.*

Você passou de caíque por ela, e daí? Isso é razão para ela também amar você? E de quem era o caíque, afinal? Por acaso o Yahya Kemal tinha seu próprio caíque? Se sim, quanto pagou por ele? Como conseguiu esse dinheiro? Quem estava remando? Qual a condição social da sua amada? Ela é filha de quem? Ela é bonita? Rica?

*

Carta do Halit. Ele conhece o Halûk muito bem. Foram interrogados juntos. “Fique longe dele”, o Halit disse. Ele vai me contar muitas coisas sobre o Halûk

quando eu for visitá-lo. E planos de fuga de novo. E um poema.

*

Todo mundo anda se espionando. Em todo lugar. Quando você está sentado assistindo às aulas, com o professor, com os seus amigos, eles olham para você, você olha para eles. O que se passa dentro deles? A Meral trouxe uma carta do Bedri hoje. Quando ela veio aqui em casa. Ele só repete o que tem dito há três anos: “Vamos conversar”. Sobre o quê? A Meral está muito feliz. Depois da aula, ela corre para o Necat, eles se encontram todos os dias. Eles se bastam. Não acho que algum dia eu possa vir a ser esse tipo de garota.

*

A Kevser, a Ayten e eu tivemos uma conversa franca. A Kevser estava muito elegante, como de costume. Que dinheirão ela deve gastar com roupas. Eu devo comprar sapatos novos umas duas vezes por ano, mas ela tem sapatos de todos os modelos e cores. O Şeref está no último ano de direito. Assim que terminar o curso, eles ficarão noivos. O pai do Şeref é um funcionário público de baixo escalão. Mas o Şeref não vai praticar a advocacia. Vai representar os interesses da empresa do pai da Kevser. Ela vai sair da universidade no fim do ano. “Se eu sair agora, não vou poder mais ver o Şeref e outra garota pode correr atrás dele.” A Ayten arrumou outro namorado. Ele é da faculdade de medicina e se conheceram num chá dançante.